

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
SÃO PAULO**

LICENCIATURA EM LETRAS

GIOVANNA SILVA COUTINHO

IGOR JUAN DA COSTA SILVA

MARIA EDUARDA BARCELOS COSTA LIRA

NATALLY SOARES GABRIEL DA SILVA

**EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA A PARTIR DE TEXTOS
TEMÁTICOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

São Paulo
2023

GIOVANNA SILVA COUTINHO
(SP305814X)

IGOR JUAN DA COSTA SILVA
(SP3079228)

MARIA EDUARDA BARCELOS COSTA LIRA
(SP3075729)

NATALLY SOARES GABRIEL
DA SILVA
(SP3076784)

EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGÜÍSTICA A PARTIR DE TEXTOS TEMÁTICOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Trabalho apresentado como parte das exigências para aprovação na disciplina de Metodologia do Ensino: Sintaxe da Língua Portuguesa I.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Cristina Lopomo Defendi

São Paulo
2023

Tema: Violência contra a mulher

TEXTO I

Violência contra a mulher: silêncios oprimem e matam Um país que prioriza o fim da violência contra a mulher não silencia nem promove cortes sucessivos de recursos para políticas de proteção

Há certa confusão sobre a função do Dia Internacional da Mulher. A data não pretende ser uma celebração do que se considera “feminino” ou um momento de congratulações. O 8 de Março é sobre ressaltar todas as injustiças, desigualdades e violências —visíveis e invisíveis, às quais seguimos expostas todos os dias—, e propor avanços. A violência contra a mulher tem padrões muito peculiares e particularmente complexos. Na maior parte das vezes, o agressor é uma pessoa do círculo de confiança da pessoa agredida; frequentemente, ela vê motivos para proteger seu agressor; atinge sobremaneira crianças e jovens; a violência física costuma ser precedida de abusos verbais e psicológicos.

Quando se trata de segurança pública, uma sociedade mais saudável não depende apenas de repressão a crimes. É necessário desenvolver políticas que compreendam a origem da violência e, dessa forma, evitem que um crime ocorra. O objetivo não deve ser simplesmente punir todos os crimes, mas, principalmente, ter cada vez menos crimes para punir. O mundo ideal precisa de menos impunidade, mas principalmente de menos vítimas.

Para combater a violência contra a mulher não precisamos, portanto, apenas de punição dos culpados: precisamos de dados que informem justamente as raízes da violência e permitam intervenções diretas nesses fatores. Quando iniciamos um projeto com o objetivo de reunir em um único lugar dados sobre violência contra a mulher, esperávamos colaborar com o poder público no combate à violência; ajudar a sociedade a compreender a gravidade do problema; e apoiar mulheres que sofreram ou sofrem violências, para que não se sintam sozinhas.

Os resultados desse trabalho estão presentes na Plataforma EVA - Evidências sobre Violências e Alternativas para mulheres e meninas. Contudo, tão importante quanto os dados obtidos é a ausência deles. As enormes lacunas mostram que não se dá a devida importância a essa questão.

Governos que priorizam a redução da violência contra a mulher sabem informar, em primeiro lugar, o número de mulheres que passou pelos sistemas públicos, para além do número de boletins de ocorrência ou de entradas em hospitais (uma mesma mulher pode passar por cada uma dessas situações diversas vezes, enquanto muitas não o fazem nenhuma e sofrem caladas e sozinhas). Sabem também informar a relação dos agressores com as pessoas agredidas, e o perfil das vítimas: raça, faixa etária, se dependem economicamente dos seus agressores, se têm filhos e o grau de escolaridade.

Um país que prioriza o fim da violência contra a mulher não aceita nem promove cortes sucessivos de recursos para políticas de proteção. Não é leniente com (e muito menos fonte de) toda sorte de ofensa direcionada a mulheres usando seu gênero como forma de tentar diminuí-las. Não chama denúncias de assédio, violência psicológica, desigualdade salarial e abandono paterno de “exageros”.

A dura conclusão é que a maior parte dos gestores e agentes públicos ainda não

reconhece, ou não compreende, a importância da produção de dados de qualidade para a formulação de políticas públicas voltadas para a prevenção da violência e a proteção das mulheres. Temos poucos exemplos do contrário, como o Dossiê Mulher, elaborado pelo Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. Por mais raros que sejam, exemplos como esse mostram que é possível produzir as informações necessárias para apoiar políticas públicas com capacidade para interromper ciclos de violência contra mulheres no Brasil.

Muito do que aprendemos com os dados públicos está disponível na plataforma EVA. Mas os silêncios na informação —os números não produzidos, não compartilhados, não consolidados— também nos ensinaram bastante. Para vencermos a violência contra mulheres precisamos romper todos os silêncios, inclusive o dos dados.

TEXTO II

“VENHA VER O PÔR DO SOL”, LYGIA FAGUNDES TELLES, 1999

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinados, tinha um jeito jovial de estudante.

- Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

- Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que idéia, Ricardo, que idéia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele riu entre malicioso e ingênuo.

- Jamais? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância! Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete léguas, lembra?

Foi para me dizer isso que você me fez subir até aqui? - perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro. - Hein?!

Ah, Raquel... - e ele tomou-a pelo braço. Você, está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado... Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então? Fiz mal?

Podia ter escolhido um outro lugar, não? -Abrandara a voz. - E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

- Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os

fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo acrescentou apontando as crianças na sua ciranda. Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro.

- Ricardo e suas idéias. E agora? Qual o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

- Conheço bem tudo isso, minha gente está, enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr-do-sol mais lindo do mundo.

Ela encarou-o um instante. Evergou a cabeça para trás numa risada. - Ver o pôr-do-sol!... Ali, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr-do-sol num cemitério...

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

- Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

- E você acha que eu iria?

- Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... - disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento. - Você fez bem em vir.

- Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

- Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

- Mas eu pago.

- Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver um passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico.

Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

- Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero só ver se alguma das suas fabulosas idéias vai me consertar a vida.

- Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado - prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos geram. - Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

- É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros.

Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos, medalhões de retratos esmaltados.

- É imenso, hein? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, que deprimente - exclamou ela, atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. - Vamos embora, Ricardo, chega.

- Ali, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambigüidade. Estou-lhe dando um crepúsculo numa bandeja, e você se queixa.

- Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre. Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

- Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

- É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

- Ele é tão rico assim?

- Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro...

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

- Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra? Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

- Sabe, Ricardo, acho que você é mesmo meio tantã... Mas apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Quando penso, não entendo como agüentei tanto, imagine, um ano!

- É que você tinha lido A Dama das Camélias, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora?

- Nenhum - respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: minha querida esposa, eternas saudades - leu em voz baixa. - Pois

sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

- Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja - disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda -, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

- Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim. - Deu-lhe um rápido beijo na face. -Chega, Ricardo, quero ir embora.

- Mais alguns passos...

- Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! - Olhou para trás. - Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

- A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio - lamentou ele, impelindo-a para a frente. - Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que se vê o pôr-do-sol. Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

- Sua prima também?

Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza-dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.

Vocês se amaram?

Ela me amou. Foi a única criatura que... Fez um gesto. - Enfim, não tem importância.

Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o.

- Eu gostei de você, Ricardo.

-E eu te amei.. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um - pássaro rompeu cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.

- Esfriou, não? Vamos embora.

- Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

Pararam diante de uma capelinha coberta: de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de

estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba. Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha.

Que triste que é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui?

Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu, melancólico.

- Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão.

As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

- E lá embaixo?

- Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó - murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. - A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

- Todas essas gavetas estão cheias?

- Cheias?... Só as que têm o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe - prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado embutido no centro da gaveta.

. Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

- Vamos, Ricardo, vamos.

- Você está com medo.

- Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

- A priminha Maria Emília. Lembro-me até do dia em que tirou esse retrato, duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e veio se exhibir, estou bonita? Estou bonita?... -Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. - Não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

- Que frio faz aqui. E que escuro, não estou enxergando !

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

- Pegue, dá para ver muito bem... - Afastou-se para o lado. - Repare nos olhos.

Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... - Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. - Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. - Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos ! Seu menti...

Um baque metálico decepcionou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso – meio inocente, meio malicioso.

- Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! - exclamou ela, subindo rapidamente a escada. - Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! - ordenou, torcendo o trinco. - Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

- Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr-do-sol mais belo do mundo.

Ela sacudia a portinhola.

- Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! - Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaiou um sorriso. - Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

Boa noite, Raquel..

Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... - gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo. - Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! - exigiu, examinando a fechadura nova em folha. -Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Esbugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando. - Não, não...

Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando, as duas folhas escancaradas.

- Boa noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se, entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

- Não..

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido.: No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrecrocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de, um animal sendo, estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora, qualquer chamado. Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

Exercícios de interpretação

1- Os dois textos apresentam um tema em comum. Que tema é esse?

Resposta: Os alunos devem identificar o tema em comum dos dois textos, que é violência contra a mulher.

2- Pode-se dizer que o texto 1 apresenta o tema de forma mais explícita em relação ao texto 2. Você concorda com essa afirmação? Justifique.

Resposta: Espera-se que o aluno entenda que o texto 1 aborda o tema de forma mais explícita pois trata-se de um artigo de opinião, em que o autor aborda o assunto de forma a deixar claro, mais fundo no texto, qual a posição dele a respeito disso. Enquanto no texto 2, o tema faz parte do subtexto da crônica. A tese do texto 1 diz que os governos devem criar políticas de segurança pública que localizem a origem da violência contra mulher para que os crimes sejam cada vez mais punidos. No texto 2, essa abordagem se dá quando Raquel é aprisionada por Ricardo no túmulo do cemitério.

3- Como o assunto é abordado na crônica de Lygia Fagundes Telles? Responda utilizando trechos do texto.

Resposta: Esperamos que o aluno responda com suas palavras como ele compreende o subtema na crônica e que ele exemplifique utilizando trechos do texto. O subtema da crônica é a vingança de Ricardo contra Raquel. Quando Ricardo aprisiona Raquel no túmulo do cemitério, por vingança, pode-se compreender que ele cometeu esse ato por não aceitar o término do relacionamento. Essa questão também pode promover um debate oral sobre como essa situação é vista hoje em dia.

4- Identifique a tese defendida no texto 1 e indique operadores argumentativos que reforçam a posição do autor sobre essa tese. Dê exemplos de pelo menos 2 (dois) desses operadores.

Resposta: Aqui, esperamos que o aluno saiba encontrar operadores argumentativos, que ajudem a articular as ideias em um texto argumentativo. A tese do texto 1 diz que os governos devem criar políticas de segurança pública que localizem a origem da violência contra mulher para que os crimes sejam cada vez mais punidos. As próprias orações subordinadas substantivas subjetivas ou predicativas ajudam nisso.

Sugestões de operadores: mas, portanto, contudo, para, em primeiro lugar

Sugestões de sentenças: É necessário desenvolver políticas que compreendam a origem da violência e, dessa forma, evitam que um crime ocorra. ;

A dura conclusão é que a maior parte dos gestores e agentes públicos ainda não reconhece, ou não compreende, a importância da produção de dados de qualidade para a formulação de políticas públicas voltadas para a prevenção da violência e a proteção das mulheres. ;

Para combater a violência contra a mulher não precisamos, portanto, apenas de punição dos culpados: precisamos de dados que informem justamente as raízes da violência e permitam intervenções diretas nesses fatores.

Exercícios de análise linguística

1- Leia o trecho abaixo, retirado do conto “Venha ver o pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Telles:

“Ela encarou-o um instante. Envergonhou a cabeça para trás numa risada. - Ver o pôr-do-sol!... Ali, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr-do-sol num cemitério...”

a) Identifique as orações existentes no trecho selecionado (sentenças com presença de verbo).

Resposta: Nesta questão espera-se que o estudante consiga identificar as diversas orações presentes no trecho selecionado.

Sete orações:

- 1 - Ela encarou-o um instante.
- 2 - Envergonhou a cabeça para trás numa risada.
- 3 - Ver o pôr-do-sol!
- 4 - Me implora um último encontro
- 5 - me atormenta dias seguidos
- 6 - me faz vir de longe para esta buraqueira
- 7 - Para ver o pôr-do-sol num cemitério

b) Agora destaque as frases nominais (sentenças sem presença de verbo).

Resposta: Nesta questão espera-se que o estudante consiga identificar as orações nominais presentes no texto.

1 - Ali, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!...

2 - E para quê?

c) “*Ela encarou-o um instante. Envervou a cabeça para trás numa risada.*” Transforme os dois períodos simples do narrador em um período composto, fazendo as conexões e alterações necessárias.

Resposta: Nesta questão espera-se que o estudante realize uma ou mais reescritas dos períodos, transformando-os em um único, mobilizando o uso de conjunções e/ou pontuações para a formulação da resposta, como exemplificado:

Ela encarou-o um instante de modo que ela envervou a cabeça para trás numa risada.

Ela encarou um instante, logo envervou a cabeça para trás e riu.

Ela encarou-o um instante, evervou a cabeça para trás numa risada.

d) Observe as pontuações usadas no trecho em destaque, nele vemos que é a fala da personagem colocada de forma direta. Em seguida discorra sobre o uso dessas pontuações. No que o uso de exclamações, vírgulas e reticências escolhidos pela autora auxilia?

Resposta: Nesta questão espera-se que o estudante identifique a marcação da oralidade na fala da personagem ressaltada pela pontuação, além de explicitar o efeito causado com este uso.

e) No trecho “*Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira*” é possível observar a repetição do “me” e que em todos os casos ela inicia as orações. A gramática normativa não aceita o uso do pronome oblíquo em início de oração, sendo assim, explique o motivo pelo qual a autora o utiliza ao escrever a fala da personagem Raquel.

Resposta: Nesta questão espera-se que o estudante identifique a marcação da oralidade e a afetação maior que o objeto, Raquel, sofre com as ações de Ricardo, sendo evidenciado pelo uso da próclise que a autora utiliza e pelo fato de estar no início de cada sentença, em posição mais enfatizada.

f) Reescreva o trecho “*Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira*” substituindo e ou acrescentando, onde for necessário, conjunções.

Resposta: Nesta questão espera-se que o estudante realize a reescrita do trecho, mobilizando o uso de conjunções para isto

Me implora um último encontro e me atormenta dias seguidos, **além de** me fazer vir de longe para esta buraqueira.

Me implora um último encontro e me atormenta dias seguidos, **ainda** me faz vir de longe para essa buraqueira.

Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos e, **dessa forma**, me faz vir de longe para esta buraqueira.

g) Após suas reescritas algo mudou no texto. Explique, em suas palavras, os ganhos e perdas causados pelo uso das conjunções em relação à forma original.

Resposta: Nesta questão espera-se que o estudante consiga analisar as diferenças entre as orações reescritas e a forma original e perceba a mudança de efeitos causados com a adição das conjunções.

O uso de conjunções tornou o texto menos dramático e subjetivo, apresentando menos margem para as nuances da oralidade; diminui o impacto dramático da indignação da personagem.

2- Considere o seguinte trecho retirado do texto 1:

Quando se trata de segurança pública, uma sociedade mais saudável não depende apenas de repressão a crimes. É necessário desenvolver políticas que compreendam a origem da violência e, dessa forma, evitem que um crime ocorra. O objetivo não deve ser simplesmente punir todos os crimes, mas, principalmente, ter cada vez menos crimes para punir. O mundo ideal precisa de menos impunidade, mas principalmente de menos vítimas.

Tendo em vista seus conhecimentos sobre coordenação/subordinação e sobre o gênero em que o texto se enquadra, responda:

a) Com suas palavras, do que as autoras buscam convencer o leitor?

Resposta: Nesta questão, espera-se que o aluno seja capaz de realizar um ato de interpretação, voltando ao texto e compreendendo a tese defendida no trecho selecionado, ou seja: O que precisa ser feito para que haja menos vítimas é não só enfatizar a punição desse tipo de crime, mas sua origem, para que assim haja menos vítimas e não somente menos impunidade.

b) Por que é preciso criar políticas que compreendam a origem da violência contra a mulher?

Resposta: Nesta questão, o aluno poderá mobilizar um ato de interpretação do texto em conjunto com sua própria opinião, demonstrando a compreensão de que essa criação de políticas é necessária para lidar-se com as raízes do problema, não somente suas consequências, por exemplo.

c) Identifique e transcreva as orações presentes no seguinte segmento:

“É necessário desenvolver políticas que compreendam a origem da violência e, dessa forma, evitem que um crime ocorra.”

Resposta: Nesta questão, espera-se que o estudante seja capaz de reconhecer, a partir do uso dos verbos e dos demais conhecimentos adquiridos as seguintes orações:

1. É necessário
2. desenvolver políticas
3. que compreendam a origem da violência
4. e, dessa forma, evitem que um crime ocorra.

d) Classifique as orações identificadas na atividade anterior e justifique.

Resposta: Nesta questão espera-se que o aluno mobilize seus conhecimentos a respeito de coordenação e subordinação a fim de produzir respostas que revelem sua compreensão sobre a construção sintática dos períodos. As repostas devem se assemelhar a:

1. É necessário: Oração principal de “desenvolver políticas”, havendo a ausência de sujeito e a construção: verbo SER + adjetivo.
2. Oração subordinada substantiva subjetiva [reduzida de infinitivo], pois exerce função sintática de sujeito oracional da oração anterior.
3. Oração subordinada adjetiva restritiva, atuando como adjunto adnominal e restringindo o significado de “políticas”.
4. Oração coordenada conclusiva, pois expressa ideia de conclusão com as conjunções “e, dessa forma”, além de apresentar o resultado da criação de políticas “que compreendam a origem da violência contra a mulher”.

d) Compare o trecho original: “*É necessário desenvolver políticas*”, com as seguintes reescritas:

É necessário que se desenvolvam políticas [...].

É primordial desenvolver políticas [...].

É primordial que se desenvolvam políticas [...].

Há diferenças de interpretação entre elas? Há alguma que parece mais incisiva e impessoal em seu dizer? Há alguma mais enfática? Por quê?

Resposta: O aluno deve atentar-se para o caráter opinativo do trecho e compreender a escolha lexical (necessário/primordial) e o tipo de oração (reduzida de infinitivo ou desenvolvida) como fatores que alteram, mesmo que sutilmente, o caráter incisivo do enunciado.

4 - Leia os seguintes trechos, retirados do texto 2:

Trecho 1:

Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu, melancólico.

- Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão.

As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Trecho 2:

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

- Todas essas gavetas estão cheias?

- Cheias?... Só as que têm o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe - prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado embutido no centro da gaveta.

a) No trecho 1, percebe-se um ato de justificativa quanto à escolha de Ricardo em relação ao lugar de encontro do casal:

“- Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão.”

Por qual motivo você acredita que ele diz isso à Raquel? O que Ricardo parece estar tentando evitar ao presumir e responder a “possíveis reclamações” da ex-namorada?

Resposta: Nesta questão espera-se que o estudante realize um ato interpretativo, retomando o texto original e considerando as intenções (posteriormente reveladas) de Ricardo, que, com fins de manipulação, procura afastar possíveis temores de sua vítima, os quais poderiam fazê-la fugir, por exemplo.

b) No trecho 2, o uso de reticências e do gerúndio em “*prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado embutido no centro da gaveta.*” são recursos narrativos. Considerando o gênero em que o conto se enquadra, responda: quais sensações esses elementos ajudam a causar no leitor?

Resposta: Nesta questão espera-se que o aluno mobilize conhecimentos gramaticais e interpretativos a fim de relacionar as ideias de continuidade presentes no uso da pontuação + verbo no gerúndio com a criação de suspense. Ou seja, é como se as ações estivessem se desenvolvendo perante os olhos do leitor, gerando indagação quanto ao que vai acontecer.

c) Considere as orações em destaque e classifique-as. Justifique suas respostas.

“Sei que você gostaria”

“de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo?”

Resposta: Nesta questão espera-se que o estudante seja capaz de compreender o uso das orações em destaque, realizando a seguinte classificação:

1. Oração subordinada substantiva objetiva direta, pois exerce função sintática de objeto direto do verbo “sei”, que necessita de complemento.
2. Oração subordinada substantiva objetiva indireta, pois atua como objeto indireto do verbo “gostaria”.

d) Aponte a diferença de uso entre os dois primeiros e os dois últimos “QUE” utilizados nos seguintes trechos e explique quais são suas funções no texto:

- Sei **que [1]** você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse **que [2]** o **que [3]** mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão.

- Todas essas gavetas estão cheias?

- Cheias?... Só as **que [4]** têm o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe

Resposta: Nesta atividade espera-se que o aluno mobilize seus conhecimentos gramaticais a fim de perceber a variação de uso entre os termos destacados. As duas primeiras ocorrências do “que” o caracterizam como conjunção integrante (que introduz uma oração subordinada substantiva), enquanto a terceira e quarta ocorrência caracterizam o “que” como pronome relativo, considerando que retomam termos, introduzindo orações adjetivas (" o que *mais amo neste cemitério*"/ "Só as gavetas *que tem o retrato e a inscrição* estão cheias")

e) Releia o seguinte segmento em voz alta:

"As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta."

Nesse caso, a primeira ocorrência do ponto final seria gramaticalmente dispensável. Sendo assim, de que outra forma esse trecho poderia ser escrito? Qual conjunção poderia ser usada? Leia o trecho alterado em voz alta e responda: Quais sensações a primeira forma causa no leitor, isso se mantém com a reescrita?

Resposta: Nesta questão espera-se que o aluno seja capaz de perceber a intencionalidade dos elementos gramaticais dentro de um texto narrativo. O estudante poderá produzir a seguinte reescrita: As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total e absoluta. Em que a conjunção utilizada poderia ser a aditiva "e", percebendo, assim, que a primeira forma contribui para com os efeitos de "suspense/mistério", condizentes com o gênero.

5- Leia as orações abaixo.

- I. Para combater a violência contra a mulher não precisamos, portanto, apenas de punição dos culpados: precisamos de dados que informem justamente as raízes da violência e permitam intervenções diretas nesses fatores.
- II. Os resultados desse trabalho estão presentes na Plataforma EVA - Evidências sobre Violências e Alternativas para mulheres e meninas. Contudo, tão importante quanto os dados obtidos é a ausência deles.

a) As conjunções em destaque possuem o mesmo sentido? Comente e classifique cada uma delas.

Resposta: O aluno deve compreender os diferentes sentidos das conjunções:

Portanto - exprime a ideia de conclusão.

Contudo - exprime a ideia de conclusão.

b) Reescreva cada um dos trechos, trocando a conjunção destacada por outra de igual sentido. Faça adaptações se forem necessárias.

Resposta (algumas possibilidades):

I - Para combater a violência contra a mulher não precisamos, então, apenas de punição dos culpados...

I - Para combater a violência contra a mulher não precisamos, por isso, apenas de punição dos culpados...

II - Porém, tão importante quanto os dados obtidos é a ausência deles.

II – Entretanto, tão importante quanto os dados obtidos é a ausência deles.

6 - Observe o trecho:

“Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... - disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento.”

a) O que os verbos destacados revelam sobre a intenção da personagem? Como isso contribui para persuasão de uma personagem sobre a outra? Explique.

Resposta: Os verbos colocados na fala da personagem estão aumentando sua estratégia de argumentação e manipulação (evidenciada até mesmo pela expressão facial do personagem) , de modo que influenciar a outra personagem a fazer o que ele quer, que no caso é conversar, seja mais fácil e ele obtém o resultado desejado nas cenas seguintes.

b) No trecho, é possível identificar, logo no início, a oração adverbial condicional (pois apresenta uma condição iniciando com a conjunção “se”): “se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada...”, é possível perceber que o personagem possui uma intenção, explique que intenção é essa.

Resposta: Aqui o aluno deve identificar que a oração inserindo a fala da personagem expressa uma possibilidade e tentativa de convencimento/influência (utilizando a persuasão) da personagem para conversar com a outra. Além disso, o local mais afastado se mostrará crucial no final da narrativa.

c) Agora, identifique seu modo verbal. Se o modo verbal fosse alterado, a oração ainda teria o mesmo sentido?

Resposta: Modo verbal: subjuntivo [a ação verbal não é dada como real, mas sim hipotética.]

Não. Se a oração fosse reescrita, ela perderia o sentido de incerteza, possibilidade e tentativa de convencimento/influência.

7 - Observe o trecho retirado do artigo de opinião “Violência contra a mulher: silêncios oprimem e matam.”:

*“Um país que **prioriza** o fim da violência contra a mulher não **aceita** nem **promove** cortes sucessivos de recursos para políticas de proteção. Não é leniente com (e muito menos fonte de) toda sorte de ofensa direcionada a mulheres usando seu gênero como forma de tentar diminuí-las. Não **chama** denúncias de assédio, violência psicológica, desigualdade salarial e abandono paterno de “exageros”.*

a) É possível perceber que a maioria dos verbos utilizados estão no presente do indicativo. Que características isso revela sobre esse gênero textual?

Resposta: Isso se deve ao fato de que um artigo de opinião expõe a interpretação de fatos, como é possível observar em “Não chama denúncias de assédio, violência psicológica, desigualdade salarial e abandono paterno de ‘exageros’.” (faz referência aos cortes sucessivos de recursos para políticas de proteção para a mulher)

b) Qual efeito da enumeração: “*Não chama denúncias de assédio, violência psicológica, desigualdade salarial e abandono paterno de ‘exageros’*” apresenta?

Resposta: Primeiramente é demonstrar inúmeras formas de violência contra a mulher, mas também quer causar indignação. O artigo de opinião aponta a revolta com o fato do governo além de diminuir as leis que protegem as mulheres, ainda as trata com descaso, taxando as violências sofridas de “exageros”. Tem um sentido até mesmo de hipocrisia, porque o governo devia proteger as mulheres e oferecer todo o suporte necessário, físico e psicológico, mas não toma as devidas atitudes.

8 - Leia a oração abaixo.

“O objetivo não deve ser simplesmente punir todos os crimes, mas, principalmente, ter cada vez menos crimes para punir. O mundo ideal precisa de menos impunidade, mas principalmente de menos vítimas.”

Observe a diferença dos trechos sublinhados: o primeiro possui “principalmente” entre vírgulas, e o segundo não. Explique a diferença de sentido entre eles.

Resposta: O primeiro “mas, principalmente,” enfatiza o que é considerado “principal”: ter menos crimes para punir, já que o termo “principalmente” está entre vírgulas. O segundo “mas, principalmente”, enfatiza a ideia de adversatividade: se uma maioria pensa que o melhor é punir, as autoras reconsiderem que o principal é ter menos vítimas. Salienta-se que é possível perceber ideias aditivas em ambas as construções.

9. Considere o trecho abaixo retirado do texto 2.

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso – meio inocente, meio malicioso.

- a) Reescreva o trecho conectando os períodos com conjunções. Tente conectar o máximo de períodos possíveis.

Resposta: O aluno deve reescrever o trecho tentando conectar os períodos com conjunções para que formem períodos compostos por coordenação ou subordinação. Há possibilidade de se formar um mega período composto conectando todas as orações, como também pode-se conectar apenas algumas.

Sugestões de resposta: Um baque metálico decepou-lhe a palavra ao meio, então olhou ao redor, viu que a peça estava deserta, logo voltou o olhar para a escada e no topo estava Ricardo observando-a por detrás da portinhola fechada e tinha seu sorriso que era meio inocente e meio malicioso.

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio, logo, olhou em redor e a peça estava deserta, então voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso, que era meio inocente, meio malicioso.

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio, portanto, olhou ao redor. A peça estava deserta, por isso, voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada e tinha o seu sorriso, que era meio inocente, meio malicioso.

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio e olhou em redor. A peça estava deserta, por isso voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso, que era meio inocente, meio malicioso.

- b) Quais diferenças você observa entre os períodos do trecho e os novos períodos formados? Por que você acha que isso acontece?

Resposta: O aluno deve compreender que há uma perda de ritmo na leitura do texto ao conectar os períodos com as conjunções, e que os períodos simples facilitam a imersão do leitor na cena do trecho em questão. Os conectivos tornam a cena menos fluida, o que é ruim para essa cena da narrativa.

c) Na sua opinião, esse final já era esperado por você? Havia indícios de que os eventos do trecho ia acontecer? Como podemos sinalizar um tipo de violência contra a mulher nesse trecho?

Resposta: Nessa questão, o aluno responderá conforme a leitura dele sobre a crônica – se o final era esperado ou não. Porém, podemos orientar que haveria indícios de que ia acontecer, pois Ricardo, quando Raquel já queria ir embora do cemitério, não a deixou sair, continuou persuadindo-a para continuar o passeio. Os alunos também podem citar que Ricardo colocou Raquel em cárcere privado.

10 . Retome o trecho retirado do texto 1.

A dura conclusão é que a maior parte dos gestores e agentes públicos ainda não reconhece, ou não compreende, a importância da produção de dados de qualidade para a formulação de políticas públicas voltadas para a prevenção da violência e a proteção das mulheres.

a) Com outras palavras, a qual dura conclusão o autor chega?

Resposta: Essa questão para verificar o entendimento do aluno sobre o trecho, que pode ajudá-lo a responder as demais perguntas.

b) Qual o efeito de sentido a escolha desse sujeito [conclusão] antecedido pelo qualificador [dura] revela?

Resposta: Por estar se encaminhando ao final de texto argumentativo, a conclusão é ressaltada nesse trecho. Além disso, é qualificada como “dura”, já que demonstra que os agentes que deveriam criar e implementar políticas públicas para proteger as mulheres não reconhecem o problema ou não compreendem sua importância.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba T. de e Vanda Maria ELIAS. *Pequena Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto. 2012.

BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

HUSEK, Terine; TABOADA, Carolina. Violência contra a mulher: silêncios oprimem e matam. *El País*, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-09/violencia-contra-a-mulher-silencios-oprimem-e-matam.html>. Acesso em: 11 jun. 2023

SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C. *Sintaxe das orações complexas em português: uma proposta de descrição e ensino*. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 57, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4681>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CALDEIRA, Miguel; SILVA, Camila; MEDEIROS, Rafaela. O sentido e uso da conjunção *mas*. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*, v.19, n.29, 2022- ISSN:2359-0017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/29810>

TELLES, F. Lygia. *Venha ver o pôr do sol*. 1999. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/download/3195/4351/10326>. Acesso em: 23 jun. 2023